

# O Homem Metafísico

Dalmo Duque dos Santos

*“Oxalá...fosse capaz de revelar a natureza do Homem como descrevo a sua figura.” – Leonardo Da Vinci*

Sob a influência da civilização greco-romana o Homem atingiu um grau mediano de verticalização do seu corpo espiritual, uma graduação que poderíamos classificar, grosso modo, de 45 graus da sua consciência potencial. Entre a recuada época de Sócrates e o tempo de Apolônio de Tiana, provavelmente um contemporâneo de Jesus, podemos afirmar que demos uma grande passo na longa conquista de virtudes rumo ao nosso Reino Interior. Isso se deu através das mais sublimes experiências do conhecimento racional, na filosofia, nas ciências, nas artes e na organização política dos helenos. Mas a herança biológica e o comportamento teológico ainda falavam alto na sua natureza íntima e os próprios gregos dera m início aos abusos e limites dessa razão cujo ápice seria expressada na civilização romana. O espírito cooperativo do genos e do pather familias também teve seus dias gloriosos na simplicidade da vida rural romana, mas, na Itália, a organização política fez um percurso bem mais rápido e inquieto: da monarquia para o Estado republicano e deste para o Império. Roma tornou-se uma poderosa máquina de guerra e de escravidão. Nessa civilização o Homem conheceu o seu ponto alto, na medida em que cultivava o modelo cultural grego, mas também a sua mais curiosa expressão de decadência, a guerra e o imperialismo. Segundo a lenda, os fundadores de Roma são descendentes de Enéas, que saiu de Tróia para refazer a vida na península que os gregos chamavam de Magna Grécia, a parte oriental da Itália. Roma não dava um passo sem antes consultar a sabedoria e a tradição gregas. Os melhores preceptores dos filhos da aristocracia patricia eram os pedagogos escravos helenos. Quando a plebe iniciou suas revoltas em busca de direitos sociais, o senado romano apressou-se a pesquisar como os gregos tinham solucionado o problema no tempo dos famosos legisladores atenienses. Quem não se lembra da semelhança entre os deuses gregos e os seus similares na mitologia romana? Quem não compara as tricas forenses de Demóstenes e Ésquines com acusações públicas entre Cícero e Catilina? É claro que a civilização romana optou pelo pragmatismo e por uma supremacia mais forte do Estado sobre o indivíduo. Isso inibiu ali o surgimento de talentos raros como Sócrates, Aristóteles ou Platão, mas Roma também deu ao mundo personagens com Sêneca, Ovídio, Tácito, Virgílio, Horácio, Quintiliano e Tito Lívio. Seus estadistas são até hoje os melhores modelos de exemplar integridade e eficiência ou então de vergonhosa corrupção e incompetência no trato com a “coisa pública”. Como disse um dos evange listas, Roma conquistou o mundo, mas perdeu a própria alma caminhando inevitavelmente para a decadência. Um dos lances mais interessantes da sua queda seria o choque com o advento do Cristianismo. Roma não poderia suportar uma ideologia vinda das camadas baixas da população, algo tão inteligente e avançado, a ponto de comprometer a ordem

estabelecida com tanto esforço nos séculos anteriores. O orgulho romano era o reflexo mais autêntico da pré-adolescência da Humanidade e tal característica manifestou-se na violência insensata contra Jesus e os mártires cristãos, cujo comportamento pacífico e diferenciado era visto como uma afronta aos seus valores agressivos e impiedosos. O choque do sistema escravista romano com o humanismo cristão teve o resultado que todos nós conhecemos: o lento declínio da civilização e o recuo inevitável à vida feudal, visando a preservação da família romana. Mas cristianismo primitivo, cuja simplicidade de conceitos e coragem dos mártires conquistaram as massas desorientadas logo sofreu o golpe da cooptação institucional. A experiência política sacerdotal romana apropriou-se da filosofia de Jesus e das idéias eclesiásticas dos seus primeiros seguidores para estruturar um novo modelo de clero e de religião. A idéia era a fusão, numa estrutura de dogmas, do carisma cristão com o espetáculo estético das cerimônias romanas. O toque final desse perverso sincretismo[26] seria dado pelos costumes e rituais das tribos bárbaras que iam sendo convertidas ao novo sistema de crenças. Foi assim que a figura humilde do apóstolo Pedro foi transformada na arrogante imagem do Pontifex Máximus; Pedro, depois de morto, tornou-se São Pedro, o primeiro papa de uma igreja que ele nunca conheceu quando vivo. As cartas de Paulo para as comunidades cristãs passaram a ser vistas, não como fonte de ensinamentos, mas como objetos de autenticação do novo instituto do sacerdócio oficial. Paulo também foi transformado em São Paulo, o ideólogo principal da Igreja Católica Apostólica Romana. Roma caiu, mas a sua religião e seu corpo clerical permaneceram quase que intactos.

Agora a sociedade ocidental ficaria longos séculos sob a tutela da Igreja Católica. A Roma cristã transfigurou-se numa instituição religiosa totalitária e dogmática, cuja função era substituir o antigo Estado no controle social e domar as feras bárbaras que buscavam refúgio nas terras mais prósperas do Ocidente. As inteligências brilhantes desapareceram por um longo período de cativeiro rural e cederam espaço para as mentes mais perversas e medíocres, protegidas por um grande sistema político-sacerdotal. A razão estava sob vigilância policial constante, pois era vista como a responsável pela situação de castigos e punições que Deus havia estabelecido na Terra. O Demônio, antes uma mera faceta neutra da personalidade humana, assume agora ares de entidade de grande importância, tanto no imaginário popular quanto na teologia da classe sacerdotal. De simples figurante no cenário da mitologia celeste, Satã passa a ter um papel de grande destaque no enredo histórico das misérias humanas. Ele será a figura central do episódio do Pecado Original e este a base de toda a estrutura de manipulação e escravização da consciência humana. A inteligência integral está acuada. Para as pessoas de talento e imaginação fértil não há outra alternativa senão ingressar nas lides do sacerdócio para fugir da marginalização. Mesmo assim, havia riscos gravíssimos para a integridade física e psicológica. Viver nesse momento histórico era perigoso; pensar poderia ser fatal. Nessa época, na chamada Idade Média, o mundo ocidental estava isolado por dois inimigos bem definidos: um inimigo externo, projetado nas ameaças políticas e ideológicas das civilizações bizantina e muçulmana, contaminadas pelas heresias e pela infidelidade; e um inimigo interno, projetado na figura mitológica de Satã, que assumia todas as culpas das desgraças naturais e conseqüências nefastas dos

atos humanos, causadas pelas idéias pecaminosas. A Inquisição e o Tribunal do Santo Ofício foram criados nos moldes totalitários romanos exatamente para funcionar como anticorpos políticos desse universo obscuro. O Homem Lógico-racional não existe mais e dele só restaram lembranças e algumas experiências que foram incorporadas na prática social, como as do Homem Biológico e do Homem Teológico. As lembranças mais significativas do Homem Lógico-racional foram depositadas nos livros e estes se tornaram segredos guardados a setes chaves nos mosteiros medievais. Apenas algumas mentes privilegiadas tinham acesso a essas preciosidades e, quando conveniente, esses conhecimentos eram criminosamente adulterados pelos copistas engajados na nova ordem teocêntrica.

Mas as crises também são impiedosas e não toleram a rotina do tempo e a mesmice do comportamento humano. O feudalismo foi sendo corroído pela fome, pela peste, pelas guerras e também pela força expansionista do capitalismo nascente. Os duzentos anos em que se empreenderam as Cruzadas foi o ponto de apoio para o surgimento de uma nova mentalidade que iria quebrar o isolamento da Europa. O comércio, comandado pela cultura pragmática dos judeus e logo assimilada pelo desejo de prosperidade da pequena burguesia, daria ao mundo ocidental um novo tipo humano, liberto dos dogmas e dos pesadelos da razão. É o Homem Metafísico, o renascimento e ao mesmo tempo a ressurreição do Homem Racional, trazendo consigo o acréscimo das marcas do universo mágico pré-histórico e o misticismo teológico das primeiras civilizações. Se a Itália havia sido cenário da morte da Razão ela também seria o palco da volta à carne e do ressurgimento de um novo ser, agora transformado e mais experiente. Este é o ser típico da longa transição do feudalismo para o capitalismo, uma dos mais empolgantes momentos da trajetória humana, cujos protótipos encontramos mais tarde em figuras geniais da Renascença. Leonardo da Vinci busca decifrar os enigmas da perfeição humana; Rafael de Sânzio, Michelângelo, El Grecco e Caravaggio deixam-se levar pela intuição e pintam as mais belas expressões da nossa imagem e semelhança com Deus; Shakespeare desvenda o psiquismo nos conflitos dos seus célebres personagens consigo mesmos; Luís de Camões - a quem Erasmo de Roterdã deu a honra de aprender português para ler seu texto no original - canta como Homero, a inquietação dos luzitanos em diminuir as distâncias geográficas do planeta; Jan Huss e Giordano Bruno perdem suas existências, mas salvam suas vidas em nome da liberdade de consciência; Guttemberg e Aldo Manúzio enchem os olhos humanos de cultura e conhecimento com suas letras impressas em livros; Miguel de Servet estuda ávidamente a máquina do corpo humano; Kepler, Galileu, Isaac Newton observam, deslumbrados, a grandeza e a perfeição do Cosmos; Comênius preocupa-se com os mistérios que rondam o universo da infância, no tocante ao problema do ensino e da aprendizagem. Todos eles e muitos outros, cada qual no seu campo de conhecimento e de atuação social, causariam profundas mudanças no meio em que viveram, avançando mais alguns graus na verticalização da consciência. Dentre todos, Leonardo da Vinci foi talvez o mais inquieto, aquele que buscava a verdade sob os mais diversos aspectos e caminhava em mão dupla: aquilo que não podia compreender através da pesquisa transformava-se em expressão artística e vice-versa. Sua visão metafísica do ser humano, bem como seu fascínio tecnológico e estético pela

nossa máquina física, podem ser admirados tanto nos quadros, quanto nos ensaios registrados em manuscritos, como este:

*“O homem foi chamado pelos antigos de um mundo menor, e de fato o termo é corretamente aplicado, vendo-se que o homem é composto de terra, água, ar e fogo, esse corpo da Terra é o mesmo. E como o homem tem dentro de si ossos como sustentáculo e estrutura para a carne, também o mundo tem as rochas que são os sustentáculos da Terra; e como o homem tem dentro de si uma poça de sangue com a qual os pulmões quando ele respira se expandem e contraem, também o corpo da terra tem o seu oceano, que também sobe e desce a cada seis horas com a respiração do mundo. Como da dita poça de sangue vêm as veias que espalham suas ramificações pelo corpo humano, da mesma forma o oceano enche o corpo da Terra com um número infinito de veios d’água”.*

Em outro trecho Leonardo já revela sua inequívoca intuição sobre o papel do cérebro e sua função de instrumento de comando, pela mente, de todas as atividades orgânicas:

*“Os tendões, com seus músculos, servem aos nervos como os soldados servem aos seus chefes; e os nervos servem ao sensorium commune[27] como os chefes a seus capitães; e o sensorium commune serve à alma como o capitão ao seu senhor. Assim, por conseguinte, a articulação dos ossos obedece ao tendão, e o tendão ao músculo, e o músculo ao nervo, e o nervo ao sensorium commune, e o sensorium commune é a sede da alma, a memória seu monitor, e a faculdade de receber impressões serve como seu padrão de referência.”*

Através de ousadas incursões teóricas feitas por esses gênios da Renascença, a perspectiva racional foi enriquecida pela visão metafísica e pela possibilidade de acesso, ainda que restrito, aos mistérios do mundo oculto, além da matéria densa. É claro que esse preço foi pago pela ousadia e pela inteligência de alguns poucos que possuíam, numa sociedade ainda obscura e profundamente desigual, as características do mundo do futuro. Muitos pagaram esse preço com a própria existência, como se devessem testemunhar a imortalidade que traziam estampada em suas obras, com o próprio sangue. Foi desse momento emblemático da História humana que mais tarde sairiam os mais importantes conceitos de ética e liberdade delineados pelos filósofos iluministas. Eles eram os seres de transição do Homem Metafísico da Idade Moderna para o Homem Positivo da Era Contemporânea.

## **Referências:**

[26] Diversos pensadores espiritualistas identificam esse momento histórico no capítulo 17 do Apocalipse: “Vejo um dos sete anjos que têm sete taças e falou comigo, dizendo: Vem, mostre-me o julgamento da grande meretriz que se acha sentada sobre muitas águas, com quem se prostituíram muitos reis da terra; e, com o vinho da sua devassidão, foi que se embebedaram os que habitam na terra. Transportou-me o anjo, em espírito, a um deserto e vi uma mulher montada numa besta escarlate, besta repleta de nomes de blasfêmia, com sete cabeças e dez chifres (...) Então eu via mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus; e, quando vi, admirei-me com grande espanto.”

[27] Expressão criada por Leonardo para definir o local exato onde se encontravam todos os sentidos. Citado por Sherwin B. Nuland em "Leonardo da Vinci". Objetiva. Rio de Janeiro, 2001.

***Artigo Reproduzido com Autorização do Autor***